

Professor mediador e a produção de sentidos

ADALGISA CRISTINA MARQUES BONI¹
ALINE SARA GENESTRA DE MORAES²

Abstract

This article discusses a research developed in a project of Scientific Initiation, about the mediating professor's didactic profile. The participants were 13 teachers of Elementary School of Limeira – SP. The main goal was to identify mediating characteristics in the behavior of the professors who participated in this research, as well as to know if the teachers are endowed of necessities strategies and methodologies for a mediating practice in the classroom. The research is transversal and has a qualitative analysis of the data. The instrument used to collect the informations was a questionnaire builded by the researchers based on the theoretical references of Tébar (2011). Other authors who were part of the theoretical basis were Vygotsky (1991) e Fueurstein; Fueurstein; Falik (2014). The results revealed that the participating group presents a mediating didactic posture and that some teachers still have difficulty to encourage the development of abilities that help with the student's self-knowledge. Thereby, comes up the need for teacher training courses that solve this problem.

Keywords: Teacher Training, Mediating Professor, Mediated Apprenticeship.

¹ Graduada em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Sociais de Americana. Psicopedagoga clínica e institucional pelas Faculdades Salesianas e Titular da ABPP. Mestre em Educação pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Professora dos cursos de Pedagogia, Psicologia e Pós em Psicopedagogia das Faculdades Integradas Einstein de Limeira (FIEL). Atuação em Formação de Professores, nas áreas de Educação Infantil, Leitura / Escrita e Transtornos de aprendizagem.

² Graduanda do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Einstein de Limeira (FIEL), participante do projeto de Iniciação Científica da faculdade.

Resumo:

Este artigo trata de uma pesquisa, desenvolvida em um projeto de Iniciação Científica, sobre o perfil didático do professor mediador, cujos participantes foram 13 professores do ensino fundamental, do município de Limeira – SP. O objetivo geral foi identificar características mediadoras no comportamento do docente participante da pesquisa, bem como saber se este é dotado das estratégias e metodologias necessárias para uma prática mediadora em sala de aula. A pesquisa é do tipo transversal, com análise qualitativa dos dados. O instrumento de coleta dos dados foi um questionário construído pelas pesquisadoras com base nos referenciais teóricos de Tébar (2011). Outros autores que fizeram parte do embasamento teórico foram Vygotsky (1991) e Fueurstein; Fueurstein; Falik (2014). Os resultados revelaram que o grupo participante do estudo apresenta postura didática mediadora e que alguns professores ainda sentem dificuldade em incentivar o desenvolvimento de habilidades voltadas ao autoconhecimento do aluno. Dessa forma, surge a necessidade de cursos de formação docente que resolvam esse problema.

Palavras-chave: Formação docente. Professor mediador. Aprendizagem mediada.

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, em que as aprendizagens se concretizam de formas diferenciadas por meio de tecnologias e estratégias criadas pelos próprios discentes, o papel do professor vem se transformando de forma a atender tais necessidades e a escola significativa precisa se alterar em vários sentidos. Segundo Villela; Archangelo (2014), a instituição escolar precisa considerar as vivências e experiências dos alunos, não deixando de lado as emoções que envolvem as relações com o professor. Para tanto, o aluno precisa se sentir acolhido, reconhecido e pertencente ao ambiente escolar, conseqüentemente a ação significativa do professor não se encontra em qualquer tipo de atitude, mas sim, naquela que produz sentido.

Os Referenciais de Formação de Professores da Educação Básica, Brasil (2001), alertam que, entre as inúmeras dificuldades encontradas na educação, o preparo do professor precisa ser

repensado, pois por muito tempo a formação se manteve predominantemente em um formato tradicional, não contemplando características consideradas importantes para a atualidade. Tal postura pode ser consequência de inúmeros fatores, inclusive a falta de interesse do próprio professor em qualificar-se, gerando, assim, um círculo vicioso envolvendo a falta de comprometimento com o ambiente de trabalho.

Feuerstein, o criador da teoria da experiência da aprendizagem mediada (EAM) e da teoria da modificabilidade cognitiva estrutural, diz que a maior parte das pessoas apresentam funções cognitivas deficientes em decorrência da falta de mediação adequada. (FEUERSTEIN; FEUERSTEIN; FALIK, 2014). Logo, a falta de aprendizados satisfatórios não advém apenas de falhas no organismo humano. O professor, ao receber seus alunos no início de um determinado ciclo, precisa selecionar diferentes estratégias para desenvolver seu planejamento, o qual deverá também ser adequado à realidade existente. Portanto, o professor se vê diante de uma série de funções indispensáveis para que seu trabalho realmente seja efetivado da melhor maneira possível.

Para abordar essa temática, a teoria de Vygotsky (1991) sobre o desenvolvimento humano deixa claro que, nesse processo, as mudanças são importantes, mas para tanto, a mediação não pode ser esquecida, uma vez que por meio dela os processos de aprendizagem são aperfeiçoados. Tébar (2011) afirma que a mediação nada mais é do que a iluminação de um objeto a partir de aspectos diferentes trazidos pelo mediador. Este sistema envolve também a cultura e necessita da intervenção do mediador para adquirir uma nova interpretação dos fatos.

Segundo o autor, existem valores básicos na mediação, como: o acompanhamento e a proximidade, experiências de paz e alegria, afeto, despertar a autoestima, ajudar a esclarecer e discernir as experiências e ensinar a contemplar. Esses podem ser considerados valores que o professor precisa desenvolver para conseguir estabelecer uma relação mediadora com seus alunos, entretanto não se pode deixar de lado a compreensão de que falar de aprendizagem mediada significa considerar a capacidade de mudança do cérebro humano.

Nesse contexto, surge o interesse em avançar nos estudos sobre a importância de uma postura diferenciada por parte do professor, sendo a mediação um fator relevante para a facilitação do

aprendizado escolar. Portanto, este trabalho de Iniciação Científica teve como objetivo identificar características mediadoras no comportamento do docente participante da pesquisa, bem como saber se este é dotado das estratégias e metodologias necessárias para uma prática mediadora em sala de aula.

Devido à abrangência deste assunto, o estudo é do tipo transversal com metodologia de análise qualitativa; sendo que a pesquisa de campo ocorreu em uma escola da rede particular de ensino do município de Limeira, interior do estado de São Paulo.

O PROFESSOR E A MEDIAÇÃO EM SALA DE AULA

Para iniciar a discussão sobre o que vem a ser a mediação em sala de aula, é necessário falar a respeito da importância do aprendizado para a vida do ser humano, pois a curiosidade de conhecer, conduzindo as pessoas ao aumento de conhecimentos, não é uma necessidade de todo ser humano. Isto pode ser justificado porque o ato de aprender envolve uma infinidade de aspectos que variam de pessoa para pessoa e sofre influência do meio ambiente. Portanto, para algumas pessoas, o aprender pode não ser tão prazeroso e, conseqüentemente, necessário para suas realizações pessoais.

Nesse sentido, o interesse e a motivação para aprender se tornam relevantes, sendo que, na abordagem de Zóboli (2014), quando existe motivação, tem-se o motivo e o incentivo, sendo esse último um processo externo que conduz ao motivo (reação). Logo,

[...] motivar é despertar o interesse e o esforço do aluno. É fazer o estudante “desejar” aprender aquilo que ele precisa aprender. Para a didática renovada, a motivação é de fundamental importância porque: aprendizagem envolve esforço; esforço exige interesse; interesse é um estado emocional, um desejo, uma atração do indivíduo para o objeto. (ZÓBOLI, 2014, p. 29).

Outra questão a ser considerada é que a motivação está ligada ao significado que o conhecimento traz para o aluno. Arnay (1998) diz que mesmo no ensino superior existe a falta de consciência a respeito da aplicação dos conteúdos estudados na vida prática, isto porque a preocupação está sempre voltada para a finalização do curso e ter possibilidade de assumir um determinado trabalho.

Dessa forma, surge outra função para o professor, valorizar a distribuição do conhecimento escolar. Mas para isso, ele precisa ter clareza do que irá ensinar e qual a importância do conhecimento que será ministrado, sendo, portanto, necessário a mudança de postura do professor desde sua formação inicial (CASTELLAR, 2017).

Nessa linha de pensamento, Fazenda (2002), ao definir a interdisciplinaridade, se refere à necessidade de uma atitude diferente por parte do professor, diante do conhecimento. Segundo a autora, ele deve compreender o que está oculto e expresso no ato de aprender através do envolvimento no trabalho cotidiano. Miranda (2008, p.120) aprofunda essa questão explicando o significado da palavra atitude: “revela-nos uma ação em que se tem, previamente, uma consciência de si, refletida na consciência de algo; uma intencionalidade.”

Mas, ao considerar a postura do professor diante do conhecimento, deve-se lembrar que existe uma relação entre a concepção de educação do professor e sua forma de trabalhar, ou seja, de planejar e executar suas tarefas de educador. “Essa postura pode reforçar uma visão tradicional sobre o ensino e não estimula um ato reflexivo sobre o que se aprende e como se ensina.” (CASTELLAR, 2017).

Seguindo a visão interacionista da construção da mente e do conhecimento, o professor precisa oportunizar aos seus alunos atividades que causem desequilíbrio, fazendo-os agirem, para se tornarem autores do próprio aprendizado. Logo, a mediação corresponde ao papel do professor, como um profissional que irá além da apresentação de conteúdo, incentivando o questionamento e o pensamento reversivo, uma vez que ela consiste no elo entre o sujeito e o objeto de aprendizagem. Isto fica claro na discussão trazida por Matui (1995, p. 188):

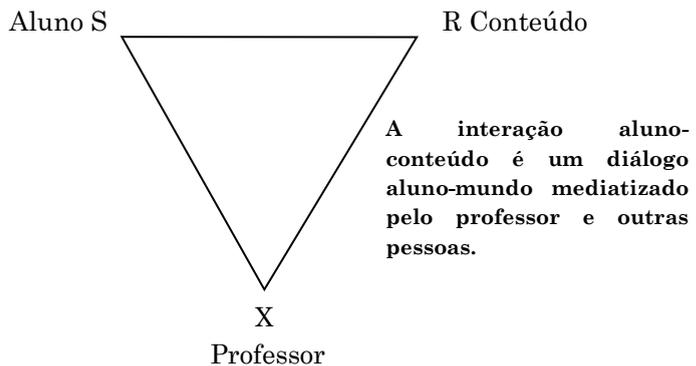
A mediação funciona como um catalisador químico que, presente numa reação, facilita ou acelera e até mesmo possibilita essa reação. Ausente, retarda a reação ou esta pode até não ocorrer. Como mediador, o professor não se perde no processo, mas acelera e até possibilita a aprendizagem, respeitando a natureza do sujeito e do objeto e, principalmente, do processo de construção do conhecimento.

De acordo com Tébar (2011), a mediação ultrapassa os desígnios da genética e tem o poder de influenciar e aprimorar o desenvolvimento humano e de proporcionar a ampliação da autonomia. Definindo esta

postura como um meio de humanização, o autor aponta que é notável a diferença ao se observar o processo de aprendizagem de alguém que teve o privilégio de ser acompanhado por um bom mediador, pois, este agente transformador visa explorar e investir em todo o potencial daquele aluno, despertando e construindo novas habilidades e competências.

A clareza desse processo está no esquema representado na Figura 1:

Figura 1: Esquema de mediação



Fonte: MATUI (1995, p.189).

Cabe ressaltar que o conceito de mediar foi explicado por Vygotsky (1991), principalmente, porque o autor deixa claro que a maturidade mental e cognitiva da criança, não está relacionada somente com sua idade, mas sim com os estímulos que ela recebe e com sua forma de aprender. Logo, para se falar em desenvolvimento mental, é preciso considerar o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal, explicado a seguir:

[...] é o que nós chamamos a zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VGOTSKY, 1991, p. 97).

Assim, a mediação é considerada uma ação fundamental para a interação do indivíduo com o ambiente, conseqüentemente, contribuindo para o seu desenvolvimento cultural e social. Ou seja,

todo este desenvolvimento se dá através de um mediador que irá adaptar e intervir no processo de estímulo e resposta, aprimorando, assim, os resultados obtidos e os objetivos alcançados.

Considerando essa linha de pensamento, Bulgraen (2010) concorda que o professor acumula várias funções, sendo elas: de educador, transmissor de conhecimentos e mediador. O autor ainda enfatiza que essa mediação deve conduzir o aluno à reflexão sobre os conhecimentos, evitando o recebimento de informações passivamente. O ensino tradicional, juntamente com a falta de preparação e formação continuada dos profissionais da educação, têm promovido visivelmente o desinteresse dos educandos pelos conteúdos apresentados em sala de aula. Neste caso, a postura mediadora é vista como um caminho oposto e uma poderosa ferramenta para que seja revertida essa situação:

[...] é fundamental e primordial a presença da mediação do professor, pois faz com que o aluno se sinta estimulado e busque a querer e entender cada vez mais que é importante no processo de aprendizagem, sentindo necessidade de buscar e querer cada vez mais aprender e aprender. (JUNCKES, 2013, p. 2)

O ritmo das aprendizagens das pessoas varia conforme a mediação recebida no momento do aprendizado, portanto, a aprendizagem mediada tem qualidade, uma vez que proporciona a modificabilidade e isto conduz ao conhecimento significativo. “O mediador torna cada evento e experiência uma oportunidade para mudança e expansão do esquema de atividade para quem recebe a mediação. (FEUERSTEIN; FEUERSTEIN; FALIK, 2014, p.76).

A experiência de aprendizagem mediada (EAM), formulada por Feuerstein, necessita de três aspectos fundamentais em seu exercício. O primeiro deles é a Intencionalidade e Reciprocidade, que traz a necessidade de haver uma intenção recíproca por parte do professor ao exercer a mediação, ou seja, o docente precisa estabelecer os objetivos que almeja alcançar com cada atividade proposta e a partir destes objetivos, alterar e adaptar os estímulos oferecidos conforme a necessidade, levando em consideração o contexto aplicado, a realidade e as características dos seus alunos. O segundo é a Transcendência, que proporciona uma investigação do conteúdo, através da qual o professor pode explorar e planejar o que alcançará com determinadas ações e reações, promovendo uma visibilidade

ampla do que está sendo ensinado e despertando um interesse para que o aluno queira aprender e pesquisar além do que está vendo. Isso promove o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de observação e pesquisa do educando e faz com que este possa enxergar além do óbvio e explícito. O terceiro é a Mediação do Significado, que é responsável por cativar a criança a se interessar e gostar do que está sendo ensinado, pois, quando o professor busca atribuir sentido e significado aos conteúdos transmitidos, busca também impedir a propagação de uma aprendizagem “vazia”, agregando e trazendo valores e sentimentos para o ambiente escolar. (FEUERSTEIN; FEUERSTEIN; FALIK, 2014).

Dessa forma, a EAM prepara o aluno para resolver os conflitos e problemas futuros que irá enfrentar, pois, ao ajudá-lo a desenvolver suas habilidades necessárias, ele saberá agir e compreender o sentido e a causa do problema através da associação, resultando em uma melhor resolução. Isto se torna possível, uma vez que o professor mediador busca aproveitar todas as oportunidades e situações que surgem no cotidiano de sua turma para melhor aproveitar suas aulas e melhor preparar o seu aluno, não só no aspecto cognitivo, mas também, nas diversas áreas do desenvolvimento.

Dentro do espaço mediador, o professor precisa saber lidar com os conflitos e as diferenças que surgem em sua turma. Assim, Junckes (2013) afirma que o docente deve se manter informado e envolvido no cotidiano da escola e da sociedade, ciente de que as mudanças podem ocorrer de maneira muito rápida, buscando, assim, se preparar para saber agir diante destas alterações. A ação mediadora em sala de aula, também exige atenção e dedicação em demasia, pois,

O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e o sucesso da sua aprendizagem. Isto inclui dar garantia as suas ideias, valorizar sugestões, analisar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade, disponibilizando diferentes conversas. É preciso ter clareza de que cada aluno é diferente um do outro, com diferentes retornos da aprendizagem. Cabe aos professores verem como eles se desenvolvem, dentro de seus limites, mas sempre motivando e estimulando-os com mediação e propostas pedagógicas diferenciadas, que despertem a curiosidade e interesse por parte das crianças. (JUNCKES, 2013, p. 5)

A falta de mediação ou de transmissão cultural ocorre devido à carência de adultos para realizarem essa atividade e devido aos valores desenvolvidos por cada pessoa, sendo assim, Tébar (2011, p.75) diz que: “A falta de mediação no âmbito familiar ocasiona as diferenças cognitivas que afetam o desenvolvimento das funções cognitivas e não intelectuais.”

PERFIL MEDIADOR DO PROFESSOR

Não tenho um caminho novo. O que
tenho é um novo jeito de caminhar.
Thiago Mello

A figura do professor sempre esteve associada ao ato de ensinar, mas muitas variáveis existem nesse processo e exigem a mudança no modo de traçar esse ensino, por isso está pesquisa concentrar-se-á nas características do professor mediador, segundo Tébar (2011), uma vez que o autor valoriza a formação docente e a relevância desse profissional para a educação. Seu trabalho de estruturação do perfil didático do professor mediador segue a teoria do professor Feuerstein sobre a mediação e a experiência de aprendizagem mediada (EAM), assim como os fundamentos da Lei Espanhola de Organização Geral do Sistema Educacional (LOGSE) sobre o perfil do professor mediador. Nesse sentido, refletir sobre o docente se faz necessário, pois com o passar do tempo houve mudanças de paradigmas que influenciaram na forma de agir desse profissional, o qual, tradicionalmente, se preocupava apenas com os conhecimentos que transmitiria aos seus alunos.

Perez Gomes (2000) denomina essa perspectiva da formação docente como acadêmica, na qual o ensino era voltado para a transmissão de conhecimentos e o docente se especializava em determinadas disciplinas com a intenção de aprimorar os conhecimentos que deveriam ser passados aos alunos. Para o autor, havia dois enfoques: o enciclopédico e o compreensivo. No primeiro, o docente deveria acumular conhecimentos, como se fosse uma enciclopédia e, no segundo, a intelectualidade do professor se ampliava, pois ele deveria saber ensinar os conhecimentos que havia adquirido em sua formação.

Para Passos (2009), a ação humana decorre dos pensamentos articulados com conceitos construídos no convívio social, os quais tomam uma significância particular. Nesse contexto, o comportamento do docente traduz a sua ideia do que é ser professor, a qual é específica de cada pessoa.

Considerando esse ponto de vista, as relações pedagógicas, criadas dentro do espaço escolar, precisam se basear em dúvidas para que os alunos se sintam inquietos diante dos diferentes conhecimentos e, assim, ampliem suas possibilidades de aprendizagem. Portanto, “As certezas estão sujeitas às leis do imediato – do saber de experiência feito – enquanto o horizonte para onde se olha deve estar sempre no plano do mediato – do refletir sobre o fazer, para apreender o sentido da ação.” (SANTOS, 2007, p.107).

Tendo em vista a importância da postura diferenciada do professor diante do conhecimento e das relações que envolvem o ato de aprender, a atuação mediadora exige características que precisam ser cultivadas pelo mediador, mas que também necessitam do apoio de outros mediadores como a família. Falando diretamente da questão modificadora do aprendizado, Tébar (2011, p.111) diz que “O processo modificador exige um planejamento intencional e coerente, no qual confluam todas as mediações.”

A Lei Espanhola de Organização Geral do Sistema Educacional traz a seguinte definição: “o professor é o mediador entre os conhecimentos que a criança possui e aqueles que se pretende que ela adquira, é o guia na construção de conhecimentos do próprio aluno.” (LOGSE, 1990, p.412). A partir desse fundamento, a legislação enfatiza as atitudes e funções do professor mediador, que serão abordadas a seguir por constituírem a base para a construção do questionário sobre o perfil didático do professor mediador.

Um professor mediador assume funções específicas para atuar de modo diferenciado no processo de ensino-aprendizagem, sendo assim, precisa estar atento ao amadurecimento de cada aluno, visando a autonomia e personalização. Outro aspecto importante diz respeito à intencionalidade do educador ao programar e organizar a sequência dos conteúdos, graduando-os conforme o grau de dificuldade. Objetivos adequados auxiliarão o processo de aprendizagem fazendo com que os alunos adquiram mais responsabilidade com relação às tarefas. Para que sejam atendidas as diferenças psicológicas e os ritmos diferentes de aprendizagem sejam respeitados, as atividades devem ser

adequadas à realidade do grupo de alunos, contemplando situações novas e estimulantes capazes de promover a criatividade e ampliar a curiosidade, mas, para tanto, o professor deverá conhecer como cada aluno aprende e como estrutura sua aprendizagem. Esse tipo de professor irá ajudar o aluno a controlar seu comportamento e, por causa disso, este docente deverá dominar sua própria conduta. (TÉBAR, 2011).

MÉTODO

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa e desenvolvida por meio da elaboração e aplicação de um questionário para 13 professores do ensino fundamental (1º ao 5º ano) de uma escola particular do município de Limeira/ SP, com formação em Pedagogia, objetivando a identificação do perfil mediador do professor.

O projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas Einstein de Limeira (CEP), atendendo à Resolução 466/12, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e Resolução Complementares, sendo o Protocolo de Aprovação nº 4.073.175.

A elaboração do questionário baseou-se nos estudos de Tébar (2011), entretanto as perguntas foram adaptadas pelas pesquisadoras, tendo em vista a adequação ao foco do estudo. Este dividiu-se em duas partes: a primeira contendo 4 questões objetivas sobre a vida profissional dos professores e a segunda parte contendo 25 questões referentes ao perfil didático do professor mediador, sendo que para cada afirmativa o professor deveria assinalar um número seguindo a seguinte escala:

1. Nunca ajo assim.
2. Poucas vezes ajo assim.
3. Às vezes ajo assim.
4. Costumo agir assim.
5. Sempre ajo assim.

As afirmações se relacionam com a didática utilizada pelos professores em sala de aula, como eles escolhem as estratégias de aprendizagem, se adotam atitudes mediadoras, se ajudam o aluno a buscar o conhecimento de diversas formas e se orientam os alunos quanto à metacognição. (Quadro 1).

Quadro 1: Questionário sobre o Perfil didático do professor mediador

	1	2	3	4	5
1. Costumo planejar e programar os objetivos e as tarefas educativas de cada aula					
2. Busco a informação necessária para conhecer as dificuldades de aprendizagem dos alunos, bem como suas causas e efeitos.					
3. Antes de iniciar a tarefa, certifico-me de que os alunos compreenderam com clareza e precisão a informação dada.					
4. Fomento a participação de cada aluno tanto pessoal como grupal, favorecendo a mútua cooperação e a interação.					
5. Ao começar um tema ou matéria, tento averiguar os conhecimentos prévios dos alunos e o vocabulário básico que conhecem.					
6. Provoco nos alunos a necessidade de independência na busca e na descoberta de estratégias e soluções para os problemas propostos na lição.					
7. Graduo e adapto os conteúdos segundo as capacidades dos alunos.					
8. Seleciono e combino as estratégias de aprendizagem à medida que vão sendo conhecidas e assimiladas.					
9. Ajudo os alunos a descobrirem os objetivos, a intencionalidade e a transcendência das minhas intervenções para envolvê-los nas tarefas.					
10. Prevejo as dificuldades de aprendizagem que os alunos vão encontrar na lição, assim como me adianto a elas.					
11. Seleciono os critérios de mediação e meu modo de interação, segundo as necessidades dos educandos.					
12. Concedo o tempo necessário para a busca e a pesquisa individual das respostas às questões propostas, para que os alunos aprendam a trabalhar com autonomia.					
13. Procuo promover a elaboração de perguntas e de novas hipóteses, a fim de conseguir aprofundar a reflexão dos alunos.					
14. Analiso com os alunos seus processos de busca, planejamento e conquista de objetivos, para que possam adquirir consciência de suas mudanças e progressos.					
15. Alterno o método indutivo com o dedutivo, a fim de criar desequilíbrios e conflitos cognitivos que ativem diversas operações mentais.					
16. Falo os alunos verbalizarem as aprendizagens, a fim de comprovar se de fato compreenderam e assimilaram os conteúdos ensinados.					
17. Ao finalizar um tema ou lição, acostumo os alunos a fazerem uma síntese do que foi tratado.					
18. Proponho atividades que exijam maior esforço de abstração e interiorização, a fim de comprovar a capacidade de compreensão e assimilação dos alunos.					
19. Ajudo os alunos a descobrirem valores e a elaborarem princípios e conclusões generalizadoras no que diz respeito àquilo que foi estudado.					
20. Cuido da mediação do sentimento de pertença e estima à cultura em que os alunos vivem.					
21. Oriento os alunos a encontrarem utilidade nas aprendizagens e a aplicá-las em outras matérias curriculares e na vida.					
22. Proponho, com frequência, que os alunos façam a autoavaliação e autoanálise de seu processo de aprendizagem.					
23. Ajudo os alunos a buscarem e a compreenderem as causas dos acertos e dos erros e os oriento a aprender com eles e a ter um conhecimento equilibrado de si mesmos.					
24. Fomento a criatividade e a diversidade na realização de trabalhos a fim de dar oportunidade para cada um manifestar suas potencialidades.					
25. Reviso e modifico o sistema de trabalho, segundo os resultados da avaliação e os objetivos alcançados nas programações anteriores.					

Fonte: Adaptado Tébar, 2011.

Procedimentos de análise de dados

Após a aplicação dos questionários, os dados foram analisados seguindo a abordagem qualitativa, uma vez que, segundo Rey (2005), essa análise tem como finalidade buscar a construção interpretativa das respostas dos participantes, dando sentido a elas.

Inicialmente, foi realizado um levantamento a respeito da formação e tempo de atuação dos profissionais e, na sequência, as questões do instrumento sobre o perfil didático do professor mediador, descrito anteriormente, foram agrupadas em 3 temáticas: I- Metodologia de trabalho voltada para a mediação do professor (questões: 1, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 20, 24 e 25); II – Conhecimento que o professor tem de seu aluno (questões: 2 e 5); III- Conduzir o aluno ao autoconhecimento (questões: 6, 9, 14, 16, 17, 19, 21, 22 e 23).

A fim de facilitar o entendimento dos dados coletados, as respostas foram somadas por questão conforme a escala de 1 a 5. Em seguida, a classificação ocorreu da seguinte forma: mediador (M) para as respostas 4 e 5, devido à frequência de ações mediadoras; às vezes age de forma mediadora (às vezes M) para as respostas 3, pois não existe uma constância nas ações mediadoras; e não mediador (não M) para respostas 1 e 2, em decorrência da caracterização de não atuação mediadora em sala de aula.

Posteriormente, realizou-se a discussão entre as respostas coletadas e os teóricos estudados, buscando comprovar a importância da postura mediadora do professor para o aprendizado de seus alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para conhecer o perfil profissional dos 13 participantes da pesquisa, considerou-se a faixa etária, a formação superior, a quanto tempo concluíram a formação superior e o tempo de atuação na atual instituição de ensino.

Quanto à faixa etária, 7 dos participantes possuem entre 25 e 35 anos de idade, 4 entre 35 e 45 anos de idade e 2 mais de 45 anos. A respeito da formação superior, 10 dos 13 participantes cursaram Pedagogia de maneira presencial e apenas 3 na modalidade EAD.

Com relação ao tempo que o professor concluiu o curso de Pedagogia, 8 deles responderam a opção entre 1 a 5 anos; 4 entre 6 a 10, e 1 há mais de 11 anos. Por fim, sobre a atuação dos participantes

na atual instituição de ensino, 5 estão há menos de 5 anos; 3 variam o tempo entre 1 a 5 anos e 5 estão entre 6 a 10 anos. (Quadro 2).

Quadro 2: Caracterização dos participantes quanto a idade, formação superior, tempo que concluiu o Ensino Superior e tempo que está na atual Instituição.

Participante	Faixa Etária	Formação Superior	A quanto tempo concluíram o Ensino Superior	Tempo de atuação na atual Instituição
1	Entre 25 e 35 anos	Pedagogia presencial	De 1 a 5 anos	Menos de 1 ano
2	Mais de 45 anos	Pedagogia EAD	De 6 a 10 anos	De 6 a 10 anos
3	Entre 25 e 35 anos	Pedagogia EAD	De 1 a 5 anos	De 6 a 10 anos
4	Entre 35 e 45 anos	Pedagogia presencial	De 1 a 5 anos	De 1 a 5 anos
5	Entre 25 e 35 anos	Pedagogia EAD	De 6 a 10 anos	Menos de 1 ano
6	Entre 35 e 45 anos	Pedagogia presencial	De 1 a 5 anos	Menos de 1 ano
7	Entre 25 e 35 anos	Pedagogia presencial	De 1 a 5 anos	De 6 a 10 anos
8	Entre 25 e 35 anos	Pedagogia presencial	De 1 a 5 anos	De 6 a 10 anos
9	Entre 25 e 35 anos	Pedagogia presencial	De 6 a 10 anos	Menos de 1 ano
10	Entre 25 e 35 anos	Pedagogia presencial	De 6 a 10 anos	De 1 a 5 anos
11	Mais de 45 anos	Pedagogia presencial	Mais de 11 anos	Menos de 1 ano
12	Entre 35 e 45 anos	Pedagogia presencial	De 1 a 5 anos	De 1 a 5 anos
13	Entre 35 e 45 anos	Pedagogia presencial	De 1 a 5 anos	De 6 a 10 anos

Fonte: As autoras

A partir do levantamento dos questionários e das análises feitas, foram encontrados os indicadores sobre o perfil didático do professor mediador, os quais estão descritos abaixo e separados por tema:

I - Metodologia de trabalho voltada para a mediação do professor

Este tema faz referência ao trabalho realizado pelo professor para facilitar o aprendizado dos alunos, estando, portanto, relacionado à prática pedagógica em sala de aula. Todas as respostas conduziram à prevalência de perfil mediador, sendo que, as questões que obtiveram 100% de respostas na escala 4 e 5 (M), foram as seguintes:

1- Costumo planejar e programar os objetivos e as tarefas educativas de cada aula;

3- Antes de iniciar a tarefa, certifico-me de que os alunos compreenderam com clareza e precisão a informação dada.

4- Fomento a participação de cada aluno tanto pessoal como grupal, favorecendo a mútua cooperação e a interação.

12- Concedo o tempo necessário para a busca e a pesquisa individual das respostas às questões propostas, para que os alunos aprendam a trabalhar com autonomia.

20- Cuido da mediação do sentimento de pertença e estima à cultura em que os alunos vivem.

24- Fomento a criatividade e a diversidade na realização de trabalhos a fim de dar oportunidade para cada um manifestar suas potencialidades.

Este resultado valoriza os estudos realizados por Feuerstein, Feuerstein, Falik (2014). O trabalho desses autores defende que o docente precisa ter consciência de que as estratégias e os métodos utilizados por ele não devem ser padronizados, mas, adaptados conforme as habilidades e dificuldades de cada aluno, proporcionando, assim, uma aprendizagem significativa, uma vez que conseguirá despertar novas capacidades e qualidades e, portanto, investirá de forma mais direta e proveitosa no progresso dos educandos. Inclusive, para Feuerstein, uma característica da EAM é a Mediação do Significado, na qual o professor precisa cativar seu aluno a gostar do que irá aprender.

Interessante salientar que, nesse tema alguns, questionamentos foram assinalados na escala 3, demonstrando que existem professores que às vezes agem de forma mediadora (às vezes M). Essas questões foram:

7- Graduo e adapto os conteúdos segundo as capacidades dos alunos.

8- Seleciono e combino as estratégias de aprendizagem à medida que vão sendo conhecidas e assimiladas.

10- Prevejo as dificuldades de aprendizagem que os alunos vão encontrar na lição, assim como me adianto a elas.

11- Seleciono os critérios de mediação e meu modo de interação, segundo as necessidades dos educandos.

13- Procuo promover a elaboração de perguntas e de novas hipóteses, a fim de conseguir aprofundar a reflexão dos alunos.

15- Alterno o método indutivo com o dedutivo, a fim de criar desequilíbrios e conflitos cognitivos que ativem diversas operações mentais.

18- Proponho atividades que exijam maior esforço de abstração e interiorização, a fim de comprovar a capacidade de compreensão e assimilação dos alunos.

25- Reviso e modifico o sistema de trabalho, segundo os resultados da avaliação e os objetivos alcançados nas programações anteriores.

A questão 25 teve 2 professores que assinalaram a escala 2, significando que poucas vezes eles realizam a modificação de seus programas de trabalho, em decorrência dos resultados das avaliações dos alunos.

Analisando o conteúdo dessas questões, vê-se que o professor, às vezes, não tem o domínio da teoria de Vygotsky (1991) e perde oportunidades de promover o desenvolvimento das funções mentais de seus alunos, os quais ainda não amadureceram, através de ações simples, como a realização de perguntas, o levantamento de hipóteses e a revisão de sua forma de trabalho - atitudes que envolvem a área de desenvolvimento proximal. (Quadro 3).

Quadro 3: Resultado das questões referente à metodologia de trabalho do professor

Questões	Quantidade de respostas por questão					Prevalência
	1 Nunca ajo assim	2 Poucas vezes ajo assim	3 Às vezes ajo assim	4 Costumo agir assim	5 Sempre ajo assim	
1				3	10	M (mediador)
3				4	9	M (mediador)
4				7	6	M (mediador)
7			5	3	5	M (mediador)
8			1	8	4	M (mediador)
10			4	3	6	M (mediador)
11			1	6	6	M (mediador)
12				7	6	M (mediador)
13			1	7	5	M (mediador)
15			5	6	2	M (mediador)
18			2	11	-	M (mediador)
20				5	8	M (mediador)
24				5	8	M (mediador)
25		2	2	3	6	M (mediador)

Fonte: As autoras

II – Conhecimento que o professor tem de seu aluno

A segunda temática enfocada no questionário se refere à disponibilidade dos docentes participantes para conhecer os alunos, algo imprescindível para um trabalho com objetivos bem estabelecidos, os quais possibilitarão evoluções no aprendizado escolar da turma. As questões que compreenderam esse tema foram:

2- Busco a informação necessária para conhecer as dificuldades de aprendizagem dos alunos, bem como suas causas e efeitos.

5- Ao começar um tema ou matéria, tento averiguar os conhecimentos prévios dos alunos e o vocabulário básico que conhecem.

Nesse resultado, 100% dos professores responderam dentro da classificação de mediador (M), reforçando as teorias levantadas no estudo de Junckes (2013), as quais dizem que é essencial que o professor conheça seus alunos para elaborar seus conteúdos e planejamentos, levando em consideração a peculiaridade de cada criança. (Quadro 4).

Quadro 4: Resultado das questões referente ao conhecimento que o professor tem do aluno

Questões	Quantidade de respostas por questão					Prevalência
	1 Nunca ajo assim	2 Poucas vezes ajo assim	3 Às vezes ajo assim	4 Costumo agir assim	5 Sempre ajo assim	
2				5	8	M (mediador)
5				3	10	M (mediador)

Fonte: As autoras

III- Conduzir o aluno ao autoconhecimento

A terceira temática investigada está relacionada ao trabalho do professor voltado para a promoção da autonomia dos seus alunos, auxiliando-os a achar a intenção do professor, a descobrir as estratégias para melhorar seus aprendizados e a conhecer a utilidade dos conhecimentos, ou seja, a conduzir o aluno ao autoconhecimento. A seguir estão as questões que envolveram esse assunto:

6- Provoco nos alunos a necessidade de independência na busca e na descoberta de estratégias e soluções para os problemas propostos na lição.

9- Ajudo os alunos a descobrirem os objetivos, a intencionalidade e a transcendência das minhas intervenções para envolvê-los nas tarefas.

14- Analiso com os alunos seus processos de busca, planejamento e conquista de objetivos, para que possam adquirir consciência de suas mudanças e progressos.

16- Falo os alunos verbalizarem as aprendizagens, a fim de comprovar se de fato compreenderam e assimilaram os conteúdos ensinados.

17- Ao finalizar um tema ou lição, acostumo os alunos a fazerem uma síntese do que foi tratado.

19- Ajudo os alunos a descobrirem valores e a elaborarem princípios e conclusões generalizadoras no que diz respeito àquilo que foi estudado.

21- Oriento os alunos a encontrarem utilidade nas aprendizagens e a aplicá-las em outras matérias curriculares e na vida.

22- Proponho, com frequência, que os alunos façam a autoavaliação e autoanálise de seu processo de aprendizagem.

23- Ajudo os alunos a buscarem e a compreenderem as causas dos acertos e dos erros e os oriento a aprender com eles e a ter um conhecimento equilibrado de si mesmos.

Quadro 5: Resultado das questões referente a auxiliar o autoconhecimento dos alunos

Questões	Quantidade de respostas por questão					Prevalência
	1 Nunca ajo assim	2 Poucas vezes ajo assim	3 Às vezes ajo assim	4 Costumo agir assim	5 Sempre ajo assim	
6			1	7	5	M (mediador)
9				7	6	M (mediador)
14			2	5	6	M (mediador)
16				7	6	M (mediador)
17		2	4	3	4	M (mediador)
19				5	8	M (mediador)
21				6	7	M (mediador)
22			1	7	5	M (mediador)
23			1	7	5	M (mediador)

Fonte: As autoras

As respostas das questões 9, 16, 19 e 21 estavam 100% dentro da classificação de mediador (M), sendo que o conteúdo destas perguntas está relacionado à descoberta da importância do trabalho docente, à utilização de estratégias de estudo e ao entendimento, por parte dos alunos, da utilidade dos conteúdos que estão estudando. Vygotsky (1991), Bulgraen (2010) e Feuerstein, Feuerstein, Falik (2014) abordam que o aluno precisa se sentir parte do contexto educacional, compreendendo o seu papel e o papel da aprendizagem escolar em seu desenvolvimento. Esta prática docente atribui significado ao que está sendo ensinado, conscientizando a criança da importância de sua dedicação neste processo.

Com relação aos assuntos referentes à independência, à consciência de mudança, à autoavaliação e à análise dos erros por parte dos alunos, houve professores que assinalaram a escala 3, ou seja, eles às vezes agem de forma mediadora. (Quadro 5). Essa prevalência foi pequena no grupo de participantes, mas demonstra

que ser mediador é uma função que nem todos os professores conseguem realizar dentro do ambiente escolar, pois, de acordo com Matui (1995), ser mediador é ir além do trabalho com os conteúdos escolares, uma vez que corresponde ao elo entre o sujeito e o objeto de aprendizagem.

Essa pesquisa revelou uma amostra do perfil didático do professor mediador, embora existam professores que não atuam de forma mediadora em todos os aspectos levantados. Além das questões específicas, o levantamento a respeito do perfil profissional trouxe que 7 professores estão na faixa etária dos 25 aos 35 anos de idade e 8 disseram que concluíram o ensino superior entre 1 - 5 anos, o que caracteriza uma população que teve contato com modelos de formação docente que valorizam a construção do conhecimento pelo aluno, e que, portanto, necessitam de uma postura diferente por parte do professor. Outra característica a respeito dos participantes que tem significância para as conclusões do estudo é que 5 professores estão nesta instituição há 6 – 10 anos e 3 estão há 1 – 5 anos, o que propicia um melhor conhecimento a respeito da proposta pedagógica da escola e um tempo de experiência relevante para a aplicação de posturas diferenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram que o perfil mediador do professor, apontado pela amostra desta pesquisa, caracteriza-se por um modo específico de planejar e programar as atividades escolares, visando o atendimento às necessidades dos alunos. O conhecimento a respeito do aluno, foi algo que os professores participantes afirmaram realizar e que, por isso, conseguem estabelecer objetivos adequados. Com relação ao desenvolvimento do autoconhecimento e ao ensino de estratégias facilitadoras do aprendizado, embora tenha prevalecido a postura mediadora (M), houve um professor que reconheceu que não tem o costume de trabalhar a autonomia do aluno.

Observou-se que, na instituição, existe a permanência de professores por um determinado tempo, o que faz com que o grupo de profissionais conheça a realidade em que estão inseridos e, portanto, tenham adquirido uma certa autonomia para trabalhar com questões voltadas à experiência da aprendizagem mediada (EAM), desenvolvida por Feuerstein.

Os achados permitem concluir que a postura que o professor assume em sala de aula deve ser de investigador da turma, realizando anotações a respeito da forma de aprender e de se comportar dos alunos, a fim de que possa estabelecer objetivos condizentes com a realidade estudada e, conseqüentemente, possa assumir a postura de professor mediador. Assim, é possível afirmar que o acompanhamento e a proximidade, valores básicos na mediação, são imprescindíveis para que o professor consiga realizar um trabalho direcionado para a aprendizagem significativa, não se esquecendo que, para que essa prática seja concretizada, ele precisa mudar sua postura e encontrar significado em suas ações.

Por fim, a pesquisa oferece suporte para que outros estudos sejam realizados nessa área e para a criação de um programa de formação docente voltado para a conscientização da necessidade que existe de o professor compreender o que é ser mediador e, principalmente, entender que o autoconhecimento dos alunos é imprescindível para que a aprendizagem escolar se torne autônoma, consciente e produtora de sentidos.

REFERÊNCIAS

- ARNAY, J. **Reflexões para um debate sobre a construção do conhecimento na escola**: rumo a uma cultura científica escolar. In: RODRIGO, M. J.; ARMY, J. (Orgs.). **Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança**. São Paulo: Ática, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Parecer CNE/CP 009/2001. Brasília, 08 de maio de 2001.
- BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista conteúdo**. Capivari. v. 1, n. 4, 2010. Disponível em: http://www.moodle.cpscetec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf. Acesso em: 25 set. 2020.
- CASTELLAR, S. M. V. **Geografia escolar e a Formação docente**. In: CARVALHO, A. M. P. de. (Org.). **Formação Continuada de Professores: uma releitura das áreas do conteúdo**. São Paulo, SP: Cengage, 2017. P. 101-123.
- FAZENDA, I. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FEUERSTEIN, R.; FEUERSTEIN, R. S.; FALIK, L. H. **Além da inteligência: aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

- PÉREZ GOMES, A. I. **A função e formação do professor no ensino para a compreensão**: diferentes perspectivas. In: ACRISTAN, J. G.; PÉREZ GOMES, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- JUNCKES, R. C. **A prática docente em sala de aula**: Mediação Pedagógica. 2013. Disponível em: <https://silو.tips/download/a-pratica-docente-em-sala-de-aula-mediaao-pedagogica>. Acesso em: 28 set. 2020.
- LOGSE, Ley de Ordenación General del Sistema Educativo. Educação primária, Espanha, **Lei Orgânica** nº 1, 3 de outubro de 1990, p. 412.
- MATUI, J. **Construtivismo**: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino. São Paulo: Moderna, 1995.
- MIRANDA, R. G. **Da interdisciplinaridade**. In: FAZENDA, I. (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p.113-124.
- PASSOS, V. M. de A. **A concepção de ser professor e a prática docente**. In: PEIXOTO, A. J. (Org.). **Formação, profissionalização e Prática docente**. Campinas, SP: Editora Alínea; Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2009. p.84-115.
- REY, F. L. G. **Pesquisa Qualitativa em psicologia**: Caminhos e Desafios. São Paulo: Jhomson, 2005.
- SANTOS, V. P. dos. **Interdisciplinaridade na sala de aula**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- TÉBAR, L. **O perfil do professor mediador**: pedagogia da mediação. Trad. Priscila Pereira Mota. São Paulo: Editora SENAC, 2011.
- VILELLA, F.; ARCHANGELO, A. **Fundamentos da escola significativa**. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ZÓBOLI, G. **Práticas de Ensino**: subsídios para a atividade docente. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.